

os filhos de Adão. Desta maneira também o homem restabelecerá o estado primitivo requerido pela vontade de Deus.

As autoridades e a Igreja do décimo quarto século prenderam em vão o sacerdote de Kent. Em vão o excomungaram e declararam demente. O brado dêste demente já não podia ser abafado. Com efeito, o que no século décimo quarto fôra considerado uma loucura, constituía o primeiro indício duma nova época na qual a crença na fôrça das conjurações mágicas, pouco a pouco, passará a ser substituída pela fé no poder da inteligência, da vontade e da atividade humana. Daí em diante, o homem já não é um simples membro passivo da criação. Vai êle, como um ser dotado de vontade própria, enfrentar essa criação, firmemente decidido a transformá-la como bem lhe aprouver.

Porém, antes que o primeiro grito de revolta de camponeses maltratados se metamorfoseie na reivindicação dum direito igual para todos, era mister um longo caos de lutas religiosas, de sublevações sociais e de revoluções econômicas, era necessário que aparecessem muitos "dementes", muitos sonhadores e muitos heróis. Antes disso, a idéia tem de ser esclarecida em inúmeras disputas teológicas, em inúmeros tratados e sistemas filosóficos; tem de retemperar-se nas revoltas e nas revoluções. Entrementes, ela se perde em confusões inextrincáveis, emaranha-se em sofismas insolúveis e avilta-se em excessos deshumanos e degradantes.

2

O regime do homem comum

Em seguida, repete-se cada vez com mais freqüência o que acontecera no condado de Kent: sacerdotes colocam-se à frente dos camponeses descontentes e prégam que os homens originariamente nasceram iguais, que as relações de senhor para servidor de que tanto padecem as massas, foram introduzidas contra a vontade de Deus, em consequência da mania de dominação de homens indignos.

"O que é comum é puro; o meu e o teu é impuro." Eis a fórmula que inicia a guerra dos camponeses alemães. Ensina-se por toda parte que Deus, "desde a origem, de acôrdo com sua essência, criara tôdas as coisas comuns, puras e livres". Cristãos entre cristãos não deveriam "razoavelmente ter nada de próprio" para que assim "existisse uma igualdade e fosse tudo comum e sucedesse igualmente".

Invocando a verdadeira palavra de Deus é que a revolta dos camponeses alemães alça, como bandeira da revolução, a coisa mais comum do homem comum, a bota grosseira e suja do camponês, com a qual pisa os sulcos das searas num afã que dura toda a vida. A bota com os atacadores compridos tremula agora nos pendões de seda azul nas alturas do solitário Monte da Fome, desfralda-se nos desfiladeiros da Floresta Negra como no vale do Reno e ondeia por toda a Turíngia, a Francônia e a Alsácia.

De todos os recantos acorrem em bandos variegados, servos, vagabundos e maltrapilhos armados de gadanhas, de manguais e de piques. A bota de laços, senha da revolta dos camponeses, torna-se assim o símbolo unificador do desgosto de todos os humilhados e de todos os que sofrem. Sua miséria indignada redige doze artigos de reivindicações, em virtude dos quais serão restabelecidas a liberdade e a justiça terrenas fundadas na filiação comum de Deus e recentemente redimidas graças ao sangue de Cristo. Assassinando e incendiando, os bandoleiros esforçam-se em dar sua aplicação a êsses doze artigos.

A idéia da "Bota de atacadores" torna-se tão poderosa que seduz e conquista até senhores. Os cavalheiros Florian Geyer e Goetz de